

A FORÇA DO DIZER

Recordo com tal nitidez que parece ter sido ontem: Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vai iniciar-se a aula de *Introdução aos Estudos Linguísticos* – uma das primeiras do curso de Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses, em que havia acabado de ingressar nesse ano lectivo de 1989/90. Os alunos já estão na sala quando, com a calma inversamente proporcional ao nosso nervosismo de caloiros, o Professor Joaquim Fonseca entra, se senta à secretária, inicia a aula. Os pressupostos epistemológicos da Linguística como ciência e os seus marcos teóricos – os fundamentos básicos do pensamento de Saussure, as principais orientações do estruturalismo, as teses e instrumentário da Teoria Generativo-Transformacional e os grandes domínios da reflexão sobre Enunciação e Pragmática Linguística – foram-nos sendo apresentados da forma mais natural e aparentemente óbvia. Ficávamos fascinados com o seu pensamento rigorosamente estruturado, o seu discurso logicamente organizado e a familiaridade com uma terminologia a que tínhamos então acesso pela primeira vez e nos chegava, por vezes, com uma indecifrável densidade. Do discurso pedagógico do professor que, perante as interrogações e dúvidas bem visíveis no rosto do largo conjunto dos que assistiam a estas aulas, procurava simplificar os conceitos, por exemplificação ou por associação com situações quotidianas, perpassava a complexidade dos assuntos abordados. Os sorrisos e alguns comentários do investigador e importante linguista (que só mais tarde eu descobriria na sua escrita), embora não se sobrepusessem ao discurso pedagógico do professor, vinham, a instantes, cruzar-se nesse dizer. Ficávamos intrigados. Para além do conhecimento transmitido ficava do seu dizer a interpelação à nossa curiosidade para uma procura de mais aprofundados e novos saberes nessa área em que nos iniciávamos.

Foi já em 1995, no Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, que contactei, de forma reflectida, com a escrita do Prof. Joaquim Fonseca. Ela trazia-nos o produtivo e intenso trabalho intelectual do linguista: as reflexões problematizantes; a análise de aspectos centrais da textualidade como a coerência/coesão; os estudos de sintaxe-semântica e pragmática do Português onde se contam as descrições pragmáticas e semânticas de elementos como os adjectivos, dos predicados de sentimento, ou de construções como as consecutivas ou sequências interrogativas “*como p, se q?*” e “*como não p, se q?*”; as estimulantes análises de textos/discursos de natureza argumentativa (Diálogo I de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, «Elogio do Sucesso», «O grau zero», «Viva a Guiné-Bissau»). Tais descrições serviam de base para o diálogo, às vezes discussões, que preenchiam os seminários, quando o Professor Joaquim Fonseca ouvia seriamente as nossas incipientes e quiçá atrevidas tentativas de indagação. Devo, aliás, referir que esses textos rigorosos e estimulantes eram lidos quase sempre antes da realização de qualquer dos trabalhos requeridos para nos imbuirmos do seu registo de escrita preciso, rigoroso, estruturado. Era o motor para a nossa construção.

Dois anos de orientação da dissertação de mestrado: dois anos em que o desafio, a interpelação, o contínuo e repetido trabalho em busca de, mesmo que de forma ténue, nos aproximássemos do seu registo de escrita – preciso, rigoroso, estruturado – eram constantes. Os comentários críticos, fruto de uma leitura analítica fina e profunda que abriam pistas orientadoras de novos desenvolvimentos, sobressaem deste trabalho.

O professor foi, enfim, um Mestre que abriu e estimulou o meu interesse pela Linguística, o Mestre que abriu caminhos de leitura e estudo na Pragmática e na Análise do Texto/Diálogo, o Mestre que, enfim, representou sempre para mim um desafio, uma interpelação constante, tanto na palavra como na escrita. Ensinou-me o não contentamento com o satisfatório, com a evidência, com as primeiras cinco versões...; ensinou-me o sentimento da procura, do aprofundamento, do aperfeiçoamento; ensinou-me a não dependência excessiva do professor-aluno (os seus *actos directivos não impositivos* – «Avance», «Experimente», «Arrisque» – eram constantes); ensinou-me o sentimento da procura, do aprofundamento, do aperfeiçoamento...

Sónia Rodrigues